

**ENCONTRO, DIFERENÇA E *RETOMADA*:
PARTILHAS CRIATIVAS COM POVO KARIRI-XOCÓ**

**MEETINGS, DIFFERENCE AND *RETOMADA*:
CREATIVE SHARING WITH KARIRI-XOCÓ PEOPLE**

**ENCUENTRO, DIFERENCIA Y *RETOMADA*:
COMPARTIR CREATIVO CON EL PUEBLO KARIRI-XOCÓ**

*Victor Hugo da Silva Iwakami*¹, *Alik Wunder*²

Resumo

Desde 2013, a parceria com o grupo Sabuká do povo Kariri-Xocó (Alagoas) tem oferecido diferentes possibilidades de encontros. Destes, reverberam desenhos, escritas, fotografias, narrativas e regimes conceituais em criações e pesquisas em educação. A *retomada* que este povo realiza em suas terras originárias na Terra Indígena Kariri-Xocó nos é oferecida como palavra disparadora e nos provoca a pesquisar retomando gestos criativos e linguagens como a narrativa literária, o desenho e a fotografia. A potência do pensamento anímico e o atravessamento das formas de ser e pensar dos Kariri-Xocó nos permitem um deslocamento de perspectiva e imaginar um ensino de biologia mais aberto às diferenças às outras lógicas de compreender o mundo. No encontro aberto às multiplicidades e a outras concepções de vida, a educação toma possibilidades de um ensino interdependente entre seres humanos e não-humanos, igualitário entre diversas inteligências, humanizado diante das outras humanidades.

Palavras-chave: Saberes indígenas; educação e ensino; pensamento anímico; arte em educação; Kariri-Xocó

Abstract

Since 2013, the partnership with the Sabuká group of the Kariri-Xocó people (Alagoas) has offered different possibilities for meetings. From this meeting reverberate drawings, writings, photographs, narratives and conceptual regimes in creations and research in education. The resumption that these people carry out in their original lands in the Kariri-Xocó Indigenous Territory is offered to us as a method and provokes us to research resuming practices and languages such as literary writing, drawing and photography. The power of animism and the crossing of the Kariri-Xocó ways of being and thinking allow us to imagine a teaching of biology that is more open to differences and other logics of understanding the word. In the open encounter with multiplicities and other conceptions of life, education takes possibilities of an interdependent teaching between human and non-human beings, egalitarian between different intelligences, humanized before the other humanities.

Keywords: Indigenous knowledge; Education and teaching; animistic thinking; art in education; Kariri-Xocó

¹ Doutorando em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP – Brasil.
E-mail: victoriwakami@gmail.com

² Doutora em Educação - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil.
Professora efetiva - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, SP - Brasil. **E-mail:** alick.wunder@gmail.com

Resumen

Desde 2013, la asociación con el grupo Sabuká de la etnia indígena Kariri-Xocó (Alagoas) ha ofrecido diferentes posibilidades de encuentros. A través del dibujo, la escritura, la fotografía y la narrativa, los regímenes conceptuales de este pueblo resuenan en procesos de investigación en educación. La reanudación se nos ofrece como método y nos provoca a investigar a través de un proceso de reanudación de prácticas junto con la propia trayectoria del investigador. La potencia del pensamiento anímico y el cruce de las epistemologías Kariri-Xocó nos permiten reflexionar sobre cómo crear senderos para una enseñanza de biología más abierta a las diferencias, además de acercamientos y creaciones con otras lógicas de comprender el mundo. En el encuentro abierto a las multiplicidades y diferencias, la educación toma posibilidades de una enseñanza interdependiente entre los seres, igualitaria ante las inteligencias, justa ante las diferencias y humanizada ante las humanidades.

Palabras clave: Saberes indígenas; Educación y enseñanza; pensamiento anímico; arte en educación; Kariri-Xocó.

O pensamento está em todos os lugares, onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram e, assim, são múltiplas as epistemes com seus muitos mundos de vida. Há, assim, uma diversidade epistêmica que comporta todo o patrimônio da humanidade acerca da vida, das águas, da terra, do fogo, do ar, dos homens.

Carlos Walter Porto-Gonçalves, 2005, p.3

1. Trilhas iniciais, outras *partilhas do sensível*

Como criar trilhas para um ensino de biologia mais aberto à diferença? Como criar partilhas com outras lógicas de compreender a vida e as relações entre os seres? Como os encontros com povos originários podem ser potentes disparos para deslocar perspectivas? Como o encontro com seus regimes conceituais dá a pensar o/ao ensino de biologia? Neste artigo, apresentamos uma pesquisa e criação com imagens, realizada com o povo Kariri-Xocó (Alagoas), especialmente a partir de suas relações com o mundo não-humano. Estas imagens lançam perguntas e possibilidades de pensamento com/na diferença para o ensino de biologia e a pesquisa em educação. O ensino de biologia atua na possibilidade do compartilhamento dos processos e métodos científicos que levaram a explicar e entender os fenômenos associados à vida humana e não-humana. No entanto, diferentes pesquisas têm apresentado o quanto a educação tem sido agente de uma agenda política que privilegia métodos e conhecimentos eurocêntricos a partir da supressão de outros regimes conceituais e outras formas de produzir conhecimento. A pesquisa em ensino de ciências e biologia têm buscado conexões com a diversidade étnico-racial e a interculturalidade, a fim de desnaturalizar ideias e “conceitos científicos, com valores apregoados como universais” (Verrangia, 2022, p.498). Consideramos que o encontro com outras formas de conhecer e conceber a vida é uma trilha possível para um ensino de biologia mais aberto à multiplicidade e à diferença.

O livro *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami* (Kopenawa; Albert, 2015) é um exemplo de como o encontro entre diferentes cosmovisões, pautado na abertura do dizer e escutar, desdobra-se em questionamentos que potencializam outras maneiras de explorar o

conhecimento. Um pajé yanomami e um antropólogo francês, fazendo uso de transcrições autobiográficas, registradas ao longo de quinze anos, compartilham a potência do encontro na diferença, principalmente por meio do tensionamento entre diferentes epistemes. O pajé é Davi Kopenawa Yanomami e o antropólogo é Bruce Albert. A perspectiva de Kopenawa, desconcerta determinados conceitos ocidentais como escrita, floresta, sonho, consumismo, educação e memória. Tal como uma flecha, a perspectiva yanomami de um mundo repleto de formas de vida, dotadas de intenção e propósito, é oferecida como potência: um outro mundo, uma outra floresta, uma outra humanidade, deslocam perspectivas, reavivam pensamentos. Pensar a partir do encontro com povos de diferentes origens e cosmologias, no desafio ético de não hierarquizar lógicas, nos oferece novos desafios e possibilidades de relações entre conhecimento e vida, conhecimento e linguagens, conhecimento e criação. Partimos da premissa da igualdade como princípio, conforme explorado por Jacques Rancière (2009). O autor nos convida a pensar menos a partir de uma lógica dualista e hierárquica, considerando que todos seres humanos são iguais em termos de competência, inteligência e capacidade de aprender e ensinar: “não existe a palavra dos intelectuais e a palavra do povo. Somos todas e todos intelectuais.” (Rancière, 2021, p.8). O autor, numa entrevista oferecida a pesquisadores da educação em 2021, diz dos potentes debates de 68:

Tratava-se de um apelo lançado a todos aqueles cujas palavras não eram ouvidas ou apenas eram ouvidas como ruídos. Era um apelo a abrir uma cena na qual as palavras eram ampliadas e partilhadas, pois o importante na época era o movimento anti-hierárquico que queria fazer com que fossem ouvidas palavras que não eram ouvidas normalmente, destituindo assim o monopólio da palavra oficial, seja ela estatal ou acadêmica. (Rancière, 2021, p.7)

Os pensamentos deste autor, nos fizeram pensar o próprio processo de pesquisa, em não lidar com as palavras dos Kariri-Xocó como “uma espécie de material bruto” (Rancière, 2021, p.9), que seria explicada pelo pesquisador, “que significa esse material, em explicações endereçadas à própria comunidade acadêmica” (idem). Buscamos pelo o que ele chama de operação em “duplo deslocamento” que, nesta pesquisa, deu-se pela criação de desenhos e escritas, um processo fabulatório para criar uma indistinção de vozes: a terceira margem do encontro.

Para Rancière, a sociedade distribui as condições e formas pelas quais algo é digno de percepção, o que é chamado de *partilha do sensível* (Rancière, 2009). Essa partilha inclui o que é visível e invisível, audível e inaudível, inteligível e ininteligível. As relações de poder são estabelecidas e hierarquizadas por meio de consensos que policiam qualquer outra interpretação divergente do comum. A pesquisa em educação e o ensino são possíveis agentes dessa lógica policial. O dissenso é encarado como um desentendimento e não como resultado de diferenças de perspectivas que produzem mundos diversos. Partindo da ideia de que a *partilha do sensível* não é natural nem imutável, buscamos por caminhos que mobilizam e distribuem novas

partilhas. Encontrar e trazer à vista lógicas secularmente marginalizadas e invisibilizadas foi - e continua sendo - o que buscamos nessa pesquisa com o povo Kariri-Xocó.

O povo Kariri-Xocó vive, em sua maioria, na cidade de Porto Real do Colégio em Alagoas, às margens do rio Opará (São Francisco). Próximo da fronteira entre Sergipe e Alagoas, residem aproximadamente 4.000 indígenas, que resistem e (re)existem há séculos ao processo de violência física e epistemológica, desde o primeiro contato com o colonizador europeu. Em meio à estratégia colonial civilizatória - caracterizada por políticas de branqueamento, catequização, expulsões sistêmicas de terra tradicionais, extinção de aldeamentos e estratégias fundiárias (Silva, 2003) - conhecimentos ancestrais foram marginalizados. Mesmo sob este processo civilizatório colonial e de invisibilidade étnica, os Kariri-Xocó “elaboraram diferentes estratégias de resistência, por meio de confrontos, de alianças, acomodações, adaptações e simulações” (Silva, 2015, p. 04).

Atualmente diversos grupos partem de Porto Real do Colégio para atividades culturais com o intuito de dar a ver e fortalecer a cultura material e imaterial do povo Kariri-Xocó. Um gesto, ao mesmo tempo, político, educativo e artístico que envolve partilha de narrativas de suas lutas, de seus modos de ser e ver, suas artes materiais com barro, árvores e sementes, seus torés (cantos e danças) e rojões. Desde 1995, o grupo Sabuká Kariri-Xocó atua em Campinas, interior de São Paulo, e em outras regiões da capital do estado (Narita; Wunder, 2018). Ao longo dos anos, muitas parcerias foram construídas, em 2013, formou-se na cidade de Campinas (SP), a rede de apoio aos Kariri-Xocó³. Pontes entre instituições, estudantes, artistas, professores.as e pesquisadores.as tornaram-se vínculos duradouros e frutíferos no sentido da troca de conhecimentos entre aldeia e universidade, aldeia e escola, indígenas e não indígenas. A parceria perdura e se desdobra em diversos projetos que promovem o encontro entre o ensino, pesquisa e extensão. Entre 2015 e 2019, foi desenvolvido, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o projeto *Toré, encontros com o povo Kariri-Xocó* que promoveu rodas de conversas, apresentações culturais, contação de história e venda de artes do grupo Sabuká Kariri-Xocó em escolas, espaços culturais e universidades da cidade de Campinas. A partir de oficinas de criação coletiva de fotografias, desenhos e de narrativas (Narita, 2016; Oliveira; Wunder, 2017; Wunder, 2019) foi realizado o livro *O mundo das plantas Kariri-Xocó: ensaio poético e visual*, publicado em 2021, fruto da parceria com o Coletivo Fabulografias⁴ e grupo Sabuká Kariri-Xocó. Neste livro, há regimes imagéticos outros: perspectivas kariri-xocó, perspectivas de plantas, ervas, sementes e árvores, criados coletivamente durante cinco anos de

³ A rede é composta por pessoas que acompanham e apoiam o trabalho de grupos Kariri-Xocó por meio da elaboração de projetos de financiamento, hospedagem, alimentação, transporte, agendamento e registro audiovisual em espaços culturais ou escolas.

⁴ Coletivo Fabulografias. Disponível em: <http://fabulografias.weebly.com/>

partilhas. Um ensaio poético e visual que é o encontro entre o mundo vegetal Kariri-Xocó e processos de criação propostos pelo Coletivo Fabulografias.

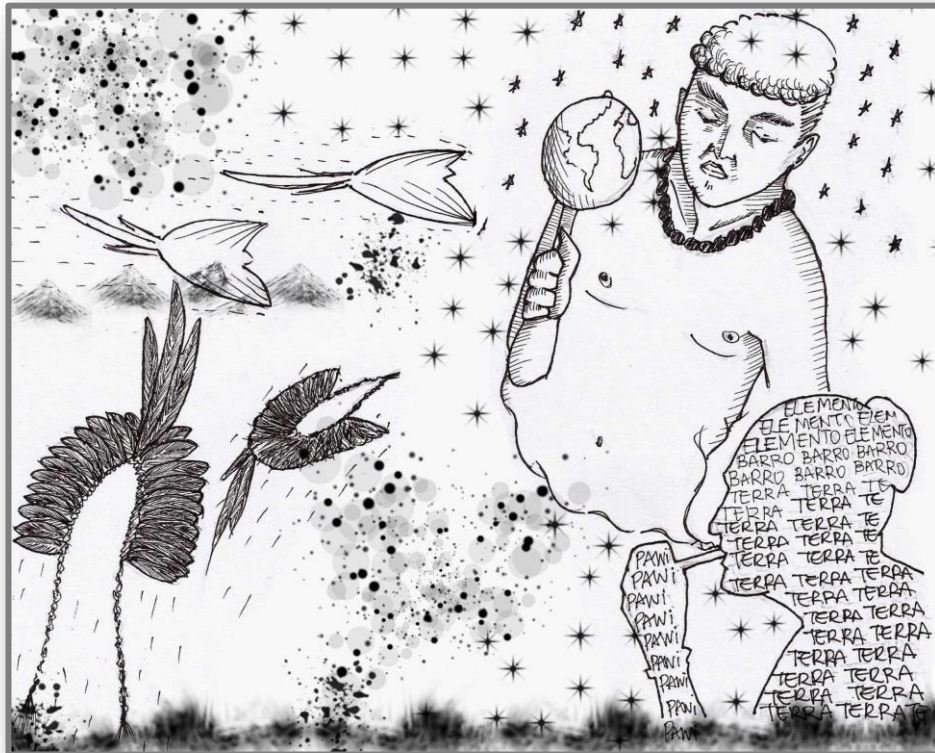
Entre 2020 e 2022, desenvolvemos uma pesquisa de mestrado a partir das potências da *pesquisa-experimentação* (Wunder; Marques; Amorim, 2016), uma investigação da escrita e do desenho em intensos processos inventivos imagéticos junto e a partir de conhecimentos ancestrais do povo indígena Kariri-Xocó. Os diálogos e produções perambularam pela *zona de vizinhança* (Deleuze; Guattari, 1997) entre um pesquisador - desenhista, graduado em licenciatura em ciências biológicas e docente da rede estadual de ensino de São Paulo - e os integrantes do grupo Sabuká Kariri-Xocó⁵. Os seres não-humanos, como fonte de aprendizagem, habitaram toda a dissertação e desdobraram-se em criações desenhadas de um conhecimento compartilhado no *entre*. Desenho, escrita e fotografia criaram rizomas conceituais a partir de suas diferenças que culminaram em narrativas gestadas em traços de nanquim e grafite em meio a oralidade Kariri-Xocó e traços do pesquisador. As narrativas tomam potência de outros modos de ver, tanto das personagens criadas quanto da experiência do desenhar. Uma pesquisa que aposta na experimentação e busca a indistinção entre pesquisar e criar:

A experimentação do pensamento dá-se no movimento inventivo com as imagens e com as palavras, de modo que as fronteiras entre pesquisa, literatura e artes visuais sejam borradas. Deseja-se manter aberta esta *zona de vizinhança*, na qual o pensamento acadêmico é atravessado por outros modos de expressão e percepção do mundo. (Wunder, 2020, p.28).

Durante a jornada imagética da pesquisa, diversos questionamentos referentes ao desenho como força e ato de pensamento na pesquisa em educação foram lançados. A partilha entre saberes Kariri-Xocó e referenciais conceituais acadêmicos, ressoaram em uma pesquisa que este artigo entrelaça à educação e ao ensino de biologia. Fauna e flora mobilizam as narrativas e de conhecimentos e regimes conceituais vivenciados ao longo de gerações. A partir desta perspectiva, evocamos um emaranhado de experiências e conhecimentos que buscam reconhecer os afetos possíveis de regimes conceituais em um encontro.

⁵ Grupo Sabuká Kariri-Xocó: Pawana Crodi Kariri-Xocó, Iaru Kariri-Xocó. Kauan Kariri-Xocó, Marinita Kariri-Xocó, Nary Kariri-Xocó, Valdete (Dé) Kariri-Xocó, Kaony Kariri-Xocó, Dirã Kariri-Xocó.

Ilustração 1



Fonte: desenho de Victor Hugo da Silva Iwakami em “Bocuyá Mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó” - Dissertação de Mestrado

2. O braço-jibóia: embrenhar-se para pesquisar

O povo Kariri-Xocó tem como língua originária o *Dzubukuá*, dentre muitas palavras potentes, uma delas nos afetou: *bocuyá mará*. Esta palavra-ação pode ser traduzida como “vamos lutar” e mobiliza um conjunto de práticas de compartilhamento e revitalização dos modos de ser desse povo. Dentre elas, a *retomada* desempenha o papel fundamental de voltar a ocupar os territórios perdidos durante o processo de colonização (Silva, 2003). Para os Kariri-Xocó, a retomada não se limita em voltar a ocupar e reconquistar os territórios ancestrais. É um processo contínuo que não finda no instante em que voltam a ocupar o território, ele nunca se encerra. Não basta ocupar, é necessário trabalhá-lo. Os Kariri-Xocó constroem moradias, acendem fogueiras, cozinham, iniciam roças, praticam toré, narram histórias nesses territórios. Retomar não se resume ao território geográfico, é a (re)ocupação de territórios existenciais, é a retomada de saberes saqueados e marginalizados, um processo de reencontro entre tempos, ancestralidades que se atualizam, processos de (re)existência. A *retomada* nos foi oferecida

como palavra disparadora para pensar a pesquisa. Nos provocou a pensar e vivenciar a pesquisa como retomada de gestos criativos, linguagens, conceitos e performances de um corpo-pesquisador aberto às forças ancestrais e não-humanas. Da mesma maneira que uma jiboia (*Boa constrictor*) embrenhada no folhiço, suja e serpenteando sobre a lama, seguimos acariciando o ar. Por meio da língua bifurcada, captamos tudo que se disponibiliza a ela, múltiplas entradas e múltiplas saídas possíveis tomam espaço em um forrageio vivido através e no próprio procedimento de busca e pesquisa. A coloração se evidencia em padrões cintilantes de preto, pulsa de traço em traço metamorfoseando-se em um grafismo de jenipapo. Grafismo que rasteja aos braços destes que escrevem, traçam e desenham o presente artigo. A jiboia, ou melhor, o grafismo-jiboia dos Kariri-Xocó realizou uma constrição em nossos métodos, modos de realizar a pesquisa. Tal como uma jiboia, o pesquisador embrenhou-se em seu próprio procedimento de pesquisa desenhada, aberto às multiplicidades do encontro e aos fluxos disponíveis.

Ilustração 2



Fonte: desenho de Victor Hugo da Silva Iwakami em “Bocuyá Mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó” - Dissertação de Mestrado

3. Um gesto narrativo

Acompanhados do braço-jiboia, sentados em volta da fogueira, sala de aula, jardim ou terreiro, partilhamos narrativas. O gesto narrativo é a retomada de uma educação outra, impulsionada pela educação Kariri-Xocó. O encontro com a diferença é explorado em criações de microcosmos narrativos, a pulsão ficcional vaza em desenhos, escrita e fotografia. Tim Ingold é antropólogo e flui por diversos regimes conceituais para repensar as práticas de pesquisa e a compreensão sobre os materiais e seus fluxos num contínuo vital (Ingold, 2015). Seus pensamentos nos auxiliam na busca por uma educação aberta à diferença. As narrativas evocadas neste artigo são aquelas em que “as ocorrências passadas são atraídas para a experiência presente” (Ingold, 2015, p. 237). São partilhas de narrativas e conhecimentos, as formas de ser e viver de um povo, revisitadas, fabuladas e reafirmadas na diferença.

Ilustração 3



Fonte: desenho de Victor Hugo da Silva Iwakami em “Bocuyá Mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó” - Dissertação de Mestrado

Pensemos sobre peregrinação e transporte (Ingold, 2015) para lançar um olhar sobre as narrativas, desenhos e escritas. A peregrinação é um movimento sem destino definido, onde o próprio processo de movimentar-se é o que lhe constitui; enquanto o transporte é um movimento com um ponto de partida e um ponto de chegada definidos. Quando desenhamos e escrevemos estamos realizando uma peregrinação do gesto de desenhar-escrever, onde o traço inicial é um contínuo do passado que está sendo performado no presente. Em outras palavras, em cada traço escrito-desenhado há uma narrativa. Lançados à possibilidade da experimentação e criação, lidamos no mundo narrativo nebuloso e sem logradouro *entre*, apostando no encontro como potência de mundos diversos.

4. Água, terra, fogo e ar: dimensões de um mundo repletos de agentes ativos

A sociedade ocidental contemporânea é historicamente caracterizada por uma visão dualista de mundo que separa humano e natureza, natureza e cultura, sujeito e objeto, desdobrando-se no mito de que as coisas não-humanas encontram-se à disposição do ser humano para servir-lhes (Tsing, 2015, p. 184). Os regimes conceituais de diversos povos originários partem da premissa de que todas as coisas do mundo são intrinsecamente interligadas, toda vida na terra é emaranhada em relações dinâmicas e mutáveis. Este pensamento anímico de diversos povos indígenas tem sido comumente atribuído como “um sistema de crenças que atribui vida ou espírito a coisas que são de fato inertes” (Ingold, 2013, p. 11). Entretanto, Tim Ingold nos alerta que essa perspectiva se refere a uma condição de estar no mundo, ao invés de ser uma crença sobre o mundo. Em outras palavras, o pensamento anímico é um modo de habitar e se

relacionar com o mundo e enfatiza a interdependência das coisas e seres, da vida em suas múltiplas dimensões.

Figura 1



Fonte: desenho de Victor Hugo da Silva Iwakami em “Bocuyá Mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó” - Dissertação de Mestrado

Continuamente, o povo Kariri-Xocó nos apresenta tais maneiras de (r)existir e perceber: os seres humanos não são os únicos seres que possuem perspectiva, consciência, cognição e subjetividade. Na cosmovisão deste povo, há quatro elementos que atuam sobre os processos cotidianos e relações entre o mundo: fogo, terra, água e ar. Pensar como estes elementos potencializam os encontros com as diferenças no mundo, aciona outras formas de *estar* nele. Elementos são a força pulsante da natureza materializada no fogo, terra, ar e água. Todos interagem entre si. Entretanto cada um reverbera com mais intensidade na cosmovisão Kariri-Xocó, é possível aprender na violência e desvelo do vento, na fluidez e amorfia da água, na resiliência e generosidade da terra, na renovação e ambiguidade do fogo.

Um dos instrumentos de conexão e comunicação entre o humano e o não-humano é o *pawi*, cachimbo em *Dzubukuá*. Por meio de seu uso, os Kariri-Xocó promovem uma comunicação e uma partilha entre aquilo que é visível e invisível, audível e inaudível. O processo de elaboração do *pawi* envolve diversos fatores, como condições climáticas, a escolha da planta, a fase lunar e a forma de utilização. Esse processo é caracterizado pelo movimento

DOI: 10.46667/renbio.v17i1.1092

de transformação da matéria, considerando o contínuo vital do mundo, tornando-se em mundo. Para construir o *fornilho*, que é a parte onde o fumo é queimado, é necessário utilizar a parte lenhosa de uma árvore - angico ou jurema - cujo súber é capaz de suportar altas temperaturas sem se romper. É fundamental colher a parte lenhosa na estação de estiagem e na lua nova. O *pawi* não é apenas um cachimbo de madeira, mas um instrumento que conecta os elementos água, fogo, terra e ar, responsáveis por guiar os caminhos do povo Kariri-Xocó. O fogo é renovação e a abertura, é por meio dele que o fumo é acendido. O ar é a fumaça que não deve ser inalada, mas usada para conduzir os pensamentos durante o ritual. A água é a saliva produzida durante o contato com a fumaça, que deve ser devolvida para a terra no ato de cuspir. A terra encontra-se presente no *pawi* na própria constituição da madeira. O *pawi* não é um simples "cachimbo" feito de uma árvore, é uma parte de angico ou jurema que se transformou em uma ferramenta de abertura aos encontros com o mundo vegetal, animal e ancestral Kariri-Xocó.

Figura 2: Pawi-árvore



Fonte: GRUPO SABUKÁ KARIRI-XOCÓ; COLETIVO FABULOGRAFIAS, 2021

Na perspectiva Kariri-Xocó, tudo que nos cerca - e reciprocamente, tudo que cercamos - são um emaranhado de rastros, fios repletos de vidas (Ingold, 2012) e narrativas. Imaginemos como micélios fúngicos dispostos ao encontro. A partir dessa perspectiva de que o “mundo anímico está em fluxo perpétuo, na medida em que os seres que participam dele seguem seus diferentes caminhos" (Ingold, 2013, p. 17), a pesquisa seguiu em fluxos de criação e pensamento.

5. Conselhos vegetais e rastros de traços-bicho

“Os indígenas oferecem-nos outras imagens, outras visualidades, mundos outros” (Wunder, 2019, p. 26). Como ouvir as plantas? A pergunta pode parecer estranha, mas é extremamente potente quando pensamos *com e a partir* da dimensão de um mundo vegetal repleto de seres que aconselham, castigam e curam. Para os Kariri-Xocó uma planta pode ou não se dispor ao conselho, depende da interação e existência do entre a pessoa e a planta. Não é uma relação unidirecional ou bidirecional, e sim multidirecional. É necessária uma interação aberta e receptiva, como no caso da *Velandinho*, uma erva medicinal que pode ser utilizada para chás, banhos ou confecção do *tané* (mistura de ervas para fumar). Para coletar essa planta, é preciso iniciar uma interação de permissão. Para que um Kariri-Xocó busque aconselhamento ou cura pela *Velandinho*, é necessário que ele esteja disposto a isso e que a planta permita ser encontrada por meio de seu odor característico. Saber lidar com as demandas dessas plantas implica em saber interagir com elas, reconhecendo e respeitando as diferenças que surgem do encontro. A interação entre o Kariri-Xocó e a *Velandinho* é uma troca mútua, na qual ambas as partes devem estar abertas e receptivas, um devir-plantas (Wunder, 2019) instaurado entre mundos. O *devir* (Deleuze; Guattari, 1997) se manifesta na sutil interação entre os indígenas e outros seres, em um processo aberto e plural, estar em *devir* implica um processo infundável de encontro e mudanças com multiplicidades. É a conversa pela diferença, um dueto e não um duelo.

Ilustração 4



Fonte: desenho de Victor Hugo da Silva Iwakami em “Bocuyá Mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó” - Dissertação de Mestrado

A relação compartilhada não pode ser limitada a uma mera imitação, semelhança ou analogia a outra existência, pois isso seria uma redução simplista da multiplicidade a um conjunto de características estereotipadas, já que não há devir em reduzir. É essencial que tenhamos uma interação aberta e receptiva, observamos, cheiramos, tocamos, ouvimos e saboreamos no mesmo movimento generativo, respeitando o espaço que cada ser ocupa. É exatamente essa abordagem plural e respeitosa que permite a efervescência do *entre*, quando os torés são entoados, rojões germinam e grafismos pousam.

Emanuele Coccia, em "A virada vegetal" (Coccia, 2018), nos apresenta uma possibilidade de olhar menos zoocentrado (que inclui também os humanos) e mais múltiplo, por meio da abertura ao mundo vegetal. Como a maneira de existência deste mundo pode nos ajudar em nossos modos de existência? Ora, de plântulas às árvores, todas vivem na eternidade do presente. Desde a semente, o presente é o instante que dá vazão às suas intensidades. Para cada fase de uma planta, há sempre plenitude, elas são exatamente como podem ser para aquele momento.

O conceito de *devir* propõe que estejamos abertos a interações receptivas, como aquelas praticadas pelos Kariri-Xocós e outros povos indígenas. Não é possível, no entanto, concluir que os Kariri-Xocós são deleuzianos, nem que Deleuze e Guattari são "kariri-xocótianos", já que isso contraria a celebração da diferença. Podemos dizer que participam de um mesmo movimento estar no mundo, nos quais partem de suas diferenças como potência e afeto. É essencial que repensemos o modo como a sociedade ocidental opera, inclusive em seus modos de ensinar, que não operam pela pluralidade de humanidades e não-humanidades que habitam e habitaram a Terra.

Desde 2013, o encontramos com corpos povoados de grafismo em jenipapo e carvão instauraram devires. Cada traço potencializou a busca por outras maneiras de mundo, dando vazão às onças, jiboias, jabutis e cachorros do mato. A pesquisa se preencheu de desenhos para poder encontrar com as formas de pensar e expressar dos Kariri-Xocó. O grafismo chamou o desenho, que chamou a escrita narrativa e os devires-animais e vegetais. A escrita movimentou-se pelos padrões e rastros de seres não-humanos, seguiu sobre as peles do encontro com um mundo repleto de modos de ver. Um grafismo Kariri-Xocó não é definido pela capacidade de traçar as linhas, mas sim, passar a vê-las no movimento dos fluxos vitais dos seres humanos e não humanos. O ato de instaurar os grafismos na pele se dá mais sobre a experiência da pintura em si, e não somente sobre a pintura concluída.

Ilustração 5



Fonte: desenho de Victor Hugo da Silva Iwakami em “Bocuyá Mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó” - Dissertação de Mestrado

6. Dos encontros que continuam e que abrem perguntas

O encontro entre diferentes regimes conceituais na pesquisa faz ressoar uma educação diversa, imaginativa, fabulatória, criativa e igualitária, desde que tome como potência a igualdade entre as diferenças (Rancière, 2009). Pawanã Crody Kariri-Xocó é uma das lideranças do povo Kariri-Xocó e tem se disponibilizado ao encontro aberto e plural por meio de projetos de extensão, pesquisas e criações artísticas ao lado de pesquisadores.as, professores.as e artistas. Em um desses encontros de partilhas, exemplificou como a atenção de ver e escutar outros seres mobiliza pensamentos, pulsando um contínuo movimento de observar e pensar:

Nas coisas mais simples, estão as mais poderosas
é assim o nosso ritual
o Ouricuri é um tipo de palmeira
que dá um coco bem pequeno
é o nome do nosso ritual, do nosso lugar sagrado
esse coco é muito duro e ninguém quebra
dentro dele só entra uma lagarta
tão frágil que se a gente olhar demais ela até morre
e é só ela assim bem mole
que consegue entrar no coco duro do Ouricuri
cada um tem seu tempo e seus mistérios
a semente tem essa resistência
por isso nosso ritual se chama
Ouricuri
(Grupo Sabuká Kariri-Xocó; Coletivo Fabulografias, 2021, p. 24)

O encontro como força geradora da diferença, deixa rastros para seguir movimentando conceitos e modos de ver. Pensamos em modos de educação como mutáveis e inconstantes, capazes de fabricar dissensos e mobilizar novas *partilhas do sensível* (Rancière, 2009). Uma educação que possa ser instaurada por um devir-lagarta do *ouricuri*, mole e persistente, abrindo frestas no carço duro. Um modo de peregrinar, de fazer política, de resistir. Rancière na entrevista, ao apresentar seu movimento de pesquisa e escrita, diz:

Fui levado a compreender que a igualdade não é algo em que se acredita, a igualdade é um processo que se verifica. Enfim, fui levado a pensar o trabalho acadêmico de uma maneira diferente, buscando praticá-lo justamente como a tecitura de um mundo igualitário. A ideia, portanto, é que igualdade e desigualdade são coisas que se tecem cotidianamente através da maneira mesma como articulamos palavras, argumentos, imagens e narrativas - assim como os seres humanos também podem se juntar de maneiras iguais ou desiguais. (Rancière, 2021, p.08).

Pela escuta atenta dos Kariri-Xocó, pelas vivências com a força de vida desse povo, a criação de escritas e desenho se fez *retomada* do encantamento no mundo. O processo de articular de outras maneiras as “palavras, argumentos, imagens e narrativas”, descritos nesse artigo, foi uma peregrinação intencionada pelo desejo de igualdade. Ao experimentar a aproximação com o mundo Kariri-Xocó, um devir-cientista-artista-professor se instaurou. A partilha desta experiência de *pesquisa-experimentação* em movimento lança possibilidades para pensar um ensino de biologia aberto às diferenças, na insistência e persistência de lagarta na “tecitura de um mundo igualitário” cotidianamente, na pesquisa, no ensino, na vida. Esta pesquisa realizada por um professor de biologia, convoca pensamentos sobre os movimentos a serem inventados para articular de outras formas os conhecimentos escolares, os conhecimentos marginalizados, invisibilizados e segregados dos currículos de biologia e as linguagens: escritas, desenhos, fotografias...

A urgência da abertura a outras formas de ver e conceber a vida, tem sido um alerta ao esgotamento à maneira segmentada e dualista de compreender aquilo que nos cerca. Jaider Esbell, pertencente ao povo Macuxi, artista e curador, promoveu o encontro de cobras-entidades no viaduto Santa Tereza na cidade de Belo Horizonte (MG) no ano de 2020. Essas entidades realizaram uma leve, generosa e intensa constrição no viaduto, este que é um símbolo da modernidade estrutural do ferro e cimento sobre territórios antes pertencentes a povos indígenas. Neste encontro, nos deparamos com a potente visualidade artística, um abalo aos consensos que determinam que inteligências são desiguais entre si. O peso do concreto pode ser amenizado pela dimensão de diversos modos de estar sobre ele. No encontro aberto às multiplicidades e à diferença, talvez a educação possa criar possibilidades de um ensino interdependente entre os seres, igualitário diante das inteligências, igualitário diante das diferenças e humanizado diante das humanidades. Tal como, o dueto de “Cobras Grandes” da cosmovisão macuxi, que flutuam junto com obeliscos de concreto da engenharia do mundo ocidental, as estruturas curriculares, erguidas sobre as colunas disciplinares, poderiam deixar passar jiboias, povos, florestas, *velandinhos*, angicos, juremas, lagartas de *ouricuri*? Que articulações entre palavras, imagens e narrativas podem ser inventadas para que dar passagem à diferença?

Referências

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. Trad. Felipe A. V. de Carli. São Paulo: *n-1 edições*, 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Ed 34, 1997.

GRUPO SABUKÁ KARIRI-XOCÓ; COLETIVO FABULOGRAFIAS. O mundo das plantas KaririXocó: ensaio poético e visual. **Climacom - “Coexistências e cocriações”**. Campinas. Ano 08, N 20, 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/livros-principal/o-mundo-das-plantas-kariri-xoco/>

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 10, 2013. DOI: 10.22456/1982-6524.43552. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/43552> . Acesso em: 28 abr. 2023.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés; prefácio: Eduardo Viveiro de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

NARITA, Karina Miki. **Encontros com o povo Kariri-Xocó: imagens, narrativas, olhares e sutilezas**. 2016. 96f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000978227 &opt=1>. Acesso em: 17 de set. de 2022.

NARITA, Karina Miki; WUNDER, Alik. Arte, política e ritual do povo Kariri-Xocó: fotografias e narrativas de encontros com escolas. **Rebento**, São Paulo, n.9, p. 232-253. 2018.

OLIVEIRA, Ana Carolina; WUNDER, Alik. Memórias, saberes e percepções das árvores do povo indígena Kariri Xocó. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UNICAMP, 25., 2017. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2017. Disponível em: <https://proceedings.science/unicamp-pibic/pibic2017/papers/memorias--saberes-e-percepcoes-das-arvores-do-povo-indigena-kariri-xoco> Acesso em: 17 set. 2022.

PEIXOTO, Luísa Helena Figueiredo. **LLamando los colotes/Pecón Quena: maestria e domínio Shipibo-Konibo segundo a iconografia e narrativas de Lastenia Canayo**. 2017. 136p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2017.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da Edição em Português. In: Lander, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do Sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 2.ed., São Paulo: Editora 34, 2009.

RANCIÈRE, Jacques. Tomada da palavra e conquista do tempo livre: uma entrevista com Jacques Rancière. Entrevistadores: WAKS, Jonas Tabacof, et. al. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e202147002003, 2021. Entrevista. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202147002003>

SILVA, Christiano Barros Marinho da. **"Vai-te pra onde não canta o galo, nem boi urra ..." Diagnóstico, tratamento e cura entre os Kariri-Xocó (AL)**. 2003.109 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, Edson. Os índios e a civilização ou a civilização dos índios? Discutindo conceitos, concepções e lugares na história. **Boletim do Tempo Presente**, nº 10, p. 1-12, jan. 2015.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015. DOI: 10.5007/2175-8034.2015v17n1p177. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2015v17n1p177> . Acesso em: 29 abr. 2023.

VERRANGIA, Douglas. A educação das relações étnico-raciais: uma proposta teórico-metodológica para a desconstrução de estereótipos na educação em Ciências e Biologia. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, 15(nesp2), 492-512, 2022. <https://doi.org/10.46667/renbio.v15inesp2.782>

SILVA IWAKAMI, Victor Hugo da Silva. **Bocuyá Mará: processos inventivos entre desenho, escrita por meio dos saberes Kariri-Xocó**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

WUNDER, Alik. O mundo das plantas Kariri-Xocó: criações poéticas e fotográficas com o grupo Sabuká. **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** Rio Grande, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, p. 28-42, jun. 2020.

WUNDER, Alik. Superfícies de encontro com o povo indígena Kariri-Xocó: imagens e o devir-planta. **Linha Mestra**, v. 13, n. 38, p. 23-34, 2019. DOI: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2019n38p23-34>

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Visualidades**, v. 14, n. 1, 2016.

Recebido em abril de 2023.
Aprovado em abril de 2024.

Revisão gramatical realizada por: Luciana Ruiz
E-mail: lugruiz@gmail.com